

RAMALHO, J; FUNARI, P.P.A; CARLAN, C.U. **Constantino e o triunfo do cristianismo na antiguidade tardia**. São Paulo: Fonte Editorial, 2016.

Miguel Brandão Martinez¹

O livro de Jefferson Ramalho analisa a imagem de Constantino, um dos expoentes da ascensão do cristianismo na Antiguidade Tardia, a partir do século IV. Na introdução, o autor relata que os conflitos entre a Igreja e o Estado eram rotineiros, tornando-se sangrentos e implacáveis. Baseado no historiador Peter Heather (2005: 121), afirma que a conversão de Constantino lançou uma verdadeira revolução cultural.

No primeiro capítulo, são apresentadas fontes e obras contemporâneas usadas por Ramalho para apresentar a figura de Constantino e o triunfo do cristianismo. A começar, são citadas as fontes literárias, como as duas de Lactâncio (250 – 320 d. C.), que são "*Divinae institutiones*" e "*De mortibus persecutorum*"; os textos do bispo Eusébio de Cesareia (265 – 339 d. C.), "História Eclesiástica, Elogios a Constantino" e a "Vida de Constantino"; e a obra "Nova História", de Zózimo, autor do qual não se tem informação exata a respeito das datas de seu nascimento e morte. Já como obra atual, é utilizada a do suíço Jacob Burckhardt (1818 – 1897) "A era de Constantino, o Grande", e, por fim, um livro publicado em 2007, "Quando nosso mundo se tornou cristão", do francês Paul Veyne, que trata do período de 312 a 394.

Os textos mostram diversos pontos de vista sobre a figura de Constantino, destacando aspectos positivos e negativos. Mas, em sua maioria, essas obras são favoráveis aos cristãos, já que o Império buscava preservar aquilo que o favorecia e eliminava os que iam contra sua crença.

Ainda no universo das fontes, Ramalho destaca a importância das evidências arqueológicas, que são classificadas em dois grandes grupos: objetos comuns e sem inscrições e outros contendo referências a indivíduos. A partir delas, é possível comprovar a existência de uma vasta diversidade religiosa nesse

¹ Graduando do 2º ano de História da Universidade do Sagrado Coração (USC/Bauru/SP)."

período e, em determinadas circunstâncias, perceber a situação delicada estabelecida entre elas e o questionamento a seu *status quo*, como é o caso do templo de Jerusalém, cujo vestígio preservado restringe-se ao chamado Muro das Lamentações.

Nos primeiros tempos do cristianismo, muitos cristãos prosperaram, mesmo com todo o cenário de opressão. Encontravam na religião uma esperança de salvação para construir uma vida melhor nessa ou na outra vida. Mas, a partir do final do século segundo, a realidade começou a mudar com a crescente representação divina na própria figura dos imperadores romanos – Domini, período denominado por Dominato.

Começou o período das guerras intestinas (235-284 d. C.), que resultaram em uma profunda transformação na realidade da época. O período de paz, de meados do século segundo d. C. e o fim do século terceiro, foi marcado por grandes modificações (p. 24). Um exemplo foi a mudança da escrita cursiva romana, que era caracterizada pela separação de letras e palavras, facilitando a leitura. Mas a partir do século terceiro, passou a ser contínua e com letras ligadas, situação que dificultou a leitura e diminuiu o número de pessoas capazes de ler, como cita Ramalho.

A diminuição acentuada das inscrições latinas representa um significativo empobrecimento social e cultural no Ocidente (p. 25). Após o final das guerras civis, em 284 d.C, o mundo romano entrou na Antiguidade Tardia (final do século III até o final do século VIII).

A partir daí, já é mencionada a figura de Constantino, que gerou mudanças na sociedade da época. Ele era mais tolerante e permitiu a construção dos primeiros templos cristãos. Outras mudanças foram o culto aos mártires e a permissão de enterrar os mortos no interior das muralhas. Mas vale ressaltar que nem sempre Constantino foi cristão, pois, como enfatiza Ramalho, no Arco de Constantino existe uma inscrição que ressalta o apoio do imperador ao monoteísmo, mas sem relatar qual seria sua divindade (p. 26).

Para concluir o capítulo das fontes, o autor aborda a numismática como importante referência sobre o período. Constantino introduziu uma moeda de ouro, o *solidus*, que se tornaria padrão pelos séculos sucedentes, contendo menções ao sistema de imperadores associados durante a Tetrarquia e também às divindades protetoras da casa imperial, associadas ao poder único, como o Sol.

A partir do segundo capítulo são tratados os movimentos cristãos anteriores a Constantino e a constante ligação do Ocidente com o Oriente e a África. No Mediterrâneo Oriental, a região de Canaã, ou Palestina, que era a região entre Egito, Fenícia e Síria, havia a movimentação de diversas culturas e pessoas. Quando Ramalho trata de Jesus de Nazaré, relata que foi um grande sábio da antiguidade, mas que não deixou nada por escrito, como é o caso de Sócrates e Buda. Diz que tudo que sabemos, mesmo sendo muito pouco, se deve aos escritos de seus seguidores, após a sua morte, quando já era considerado Cristo. Destaca alguns exemplos que fizeram com que a figura de Jesus se propagasse, como a realização de milagres e a capacidade de falar como porta-voz de Deus.

Em seguida, Ramalho trata dos primeiros seguidores de Jesus: os judeus, que falavam o aramaico e alguns dominavam o grego. A aldeia de Jesus, Nazaré, era pequena, com pouco mais de trezentos habitantes. Mesmo assim os seus ensinamentos propagaram-se o que comprova o tamanho de sua influência na história. Cita que no início do cristianismo, seus seguidores não representavam uma unidade, uma Igreja, que só veio a surgir a partir de Constantino. Seu principal precursor foi Paulo de Tarso, bem letrado, que escrevia cartas para os primeiros cristãos. Mas, antes de se converter, Paulo era um exímio perseguidor do Nazareno, como menciona o autor.

Seguindo essa linha, Ramalho salienta as perseguições aos cristãos, narradas por Eusébio na obra "História Eclesiástica", considerado o primeiro historiador cristão. As perseguições começaram a partir de Nero (54 – 68) e tiveram trégua com Trajano (98 – 117), mas logo foram retomadas com Adriano (117 – 138), e só chegaram ao fim com a chegada de Constantino ao poder, após a morte de seu pai, Constâncio Cloro.

Como relatado pelo autor na página 47, não havia uma igreja institucional, pois existiam diferentes linhas de pensamentos em seu interior, mesmo que todas seguissem Jesus de Nazaré. Entre eles estavam Helenistas, Nicolaítas, Elcasaísmo, Adocionismo, Ebionismo, Docentismo, Monarquianismo, Sabelianismo, Gnósticos, Subordinacionismo e Arianismo.

A partir do terceiro capítulo, o olhar se volta à pessoa de Constantino, que nasceu em Naissus, na região da atual Sérvia, entre 272 e 274 d. C. Considera o autor que nesta época cerca de dez por cento da população romana era cristã. Os imperadores sempre seguiam algum deus e os estampavam nas moedas ao lado de suas próprias faces, como símbolo de poder e proteção. Então,

declarar-se cristão significava opor-se às divindades dos imperadores e estar suscetível às perseguições do Império Romano.

Com a morte de seu pai, Constantino subiu ao poder entre os anos de 306 e 312 d.C., assumindo o título de César. Sua ambição era conquistar Roma. A guerra entre ele e Maxêncio aconteceu em outubro de 312 d.C. Sua conversão se deu após uma experiência que teve junto de seus soldados, vendo uma imagem no céu, que foi representada nos escudos de sua tropa, o famoso Lábaro de Constantino. Para o autor, é a partir daí que a religião cristã começou a se expandir no império e teve como marco o Concílio de Nicéia, na antiga Bitínia, atual Turquia, primeiro encontro oficial da religião, em 325, com a participação de Constantino. Essa primeira reunião oficial mostra a incorporação da instituição cristã pelo Império Romano.

Segundo fontes consultadas, Constantino morreu em 337 d.C., no oeste da Ásia Menor, em Nicomédia. Foi sepultado em Bizâncio, que logo depois passou a ser chamada de Constantinopla. Recebeu o batismo só no fim da vida, ministrado por Eusébio de Nicomédia.

Vale ressaltar que a religião cristã passou a ser oficial com o imperador Teodósio I, após convocar o segundo concílio ecumênico em Constantinopla, a partir do edito de Tessalônica. Porém, ele só fez da religião cristã uma religião oficial porque antes o imperador Constantino a tornou uma religião livre, segundo o autor.

O último capítulo continua tratando de Constantino, mas incorpora o triunfo da igreja e o declínio da diversidade. Segundo Ramalho, o triunfo se deu a partir da modificação da palavra heresia, que no início, no grego, representava opção de escolha, e com a ascensão do cristianismo, passou a ter significado de pessoas que lutavam contra a instituição, segundo os Pais da Igreja. Com isso, eles anularam o diálogo com pessoas que tinham pensamentos divergentes da Igreja, censuraram e limitaram a manifestação de movimentos paralelos. Isso ocorreu no Concílio de Nicéia, como já citado anteriormente, que foi totalmente subsidiado pelo Estado, pois a ideia de Constantino era unir a Igreja, Deus e o Império. Mas isso não impediu totalmente a diversidade de pensamentos, como foi o caso dos arianos, beneficiados por Constâncio II, o que ia contra as decisões de Nicéia. Ao combater a diversidade, o cristianismo passou a ser uma religião imperialista.

Para concluir, o leitor é convidado a refletir sobre as mudanças do mundo com o triunfo do cristianismo. O autor cita que Jesus pregava a pessoas simples e pobres, e que esses foram perseguidos após

sua morte, principalmente por Saul de Tarso, que era de uma posição social diferente das dos cristãos, mas que, através de uma experiência mística profunda, se tornou apóstolo de Jesus. A conversão ao cristianismo foi se dando gradativamente também entre as pessoas com posses. Sobre Constantino, Ramalho afirma que teve uma experiência mística que o aproximou de Cristo, mas de um modo diferente de Saul de Tarso, que teve o seu encontro com Cristo em meio às armas, no interior do exército, a serviço do poder romano.

Com isso, Ramalho afirma que o cristianismo se ligou ao poder e às armas, transformando a mensagem de um Jesus que propõe a abnegação como prática de vivência e preocupado em defender as prostitutas e excluídos, para um Cristo que passou a justificar a perseguição e o assassinato.

